

33

JOÃO DE DEUS RAMOS

---

OPÚSCULOS PEDAGÓGICOS

I

# OS ALTOS PRINCÍPIOS

DO

MÉTHODO DE JOÃO DE DEUS

A questão da educação pública e  
(digamo-ló francamente) a questão  
vital de uma nação.

Relatório da Ref. da Inst. primária  
de 16 de agosto de 1870.

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1902

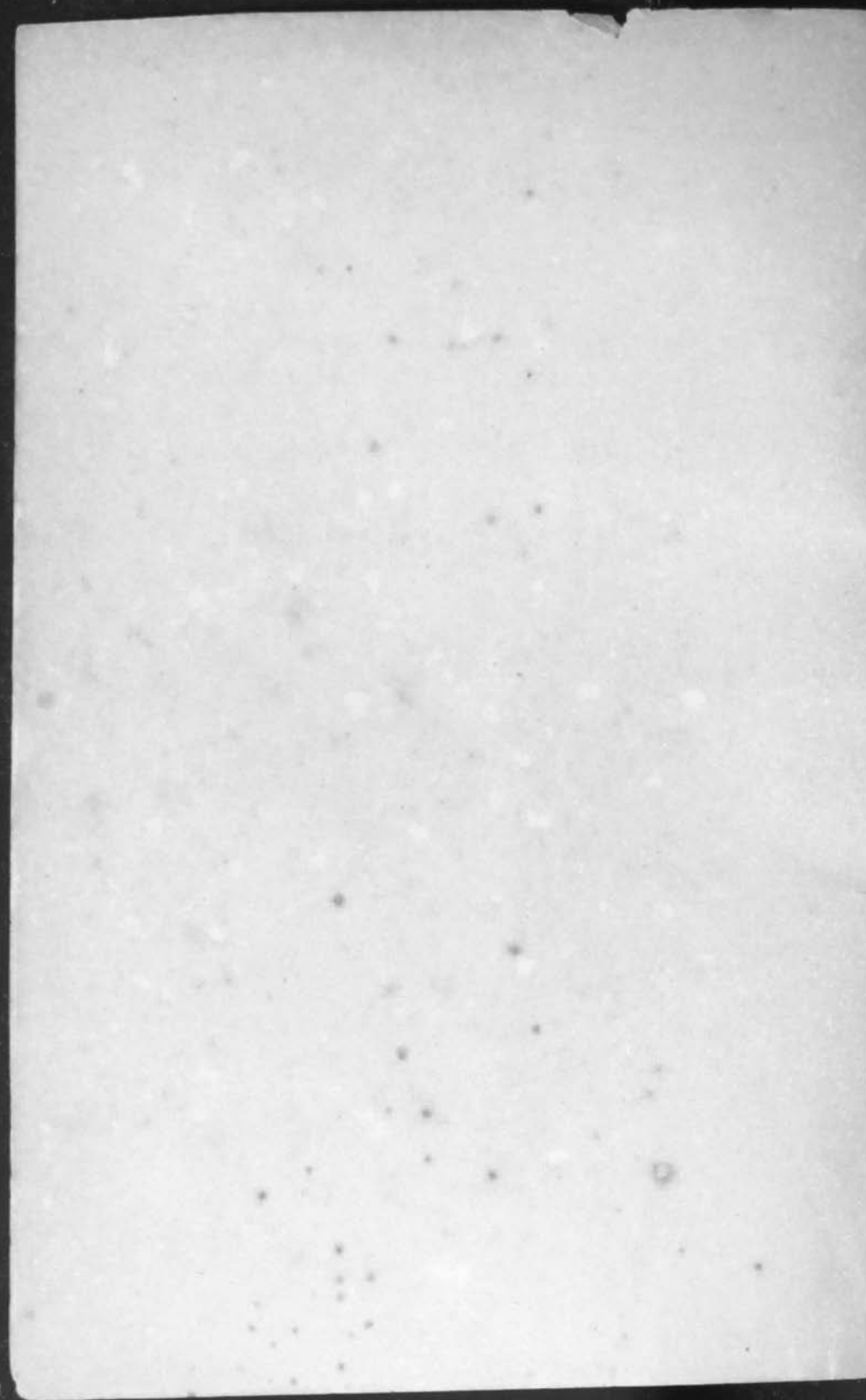
la 5

Gab. 37

Est. 29

Tab. 61

N.º 61



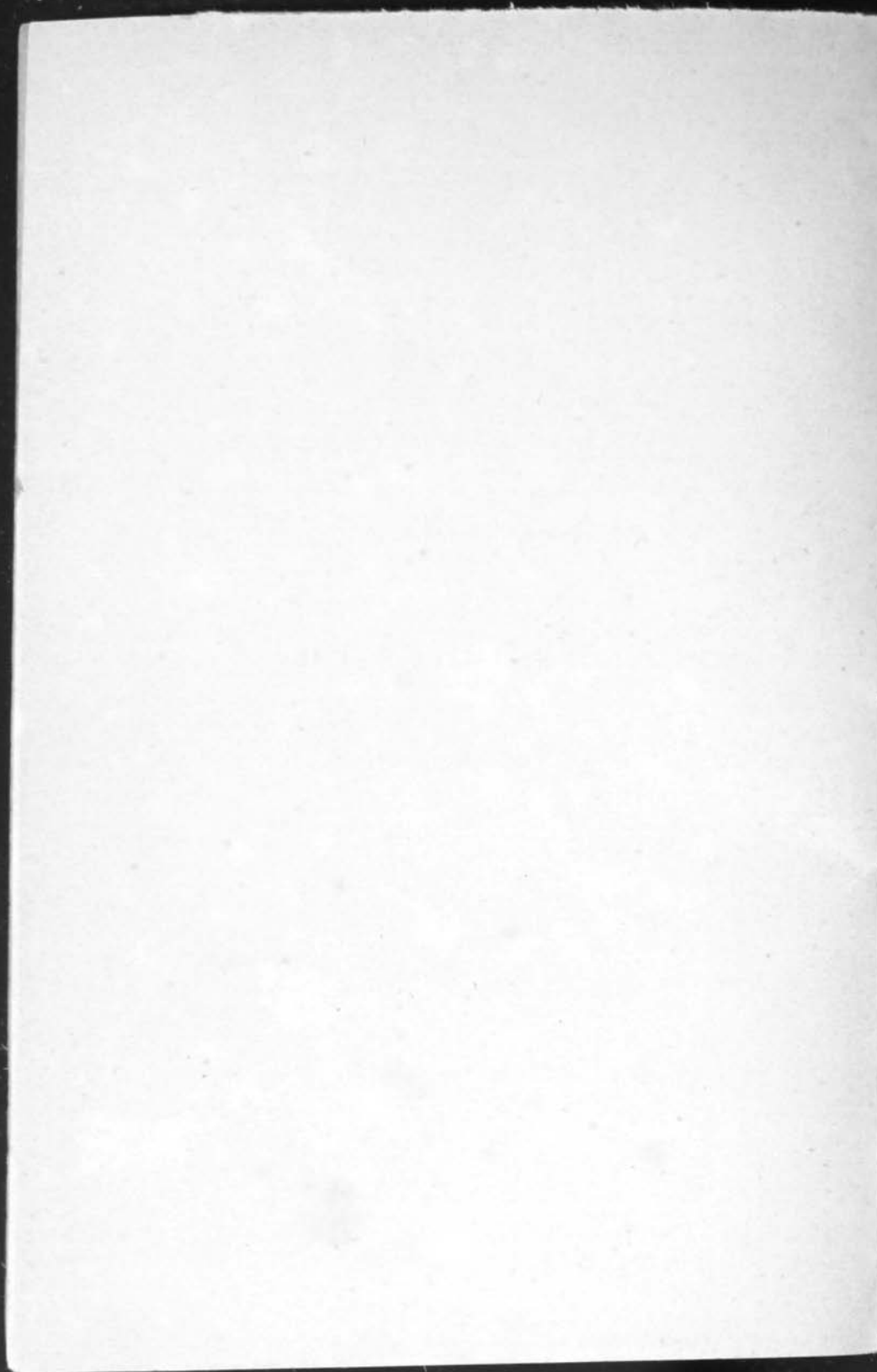
OPÚSCULOS PEDAGÓGICOS

I

OS ALTOS PRINCÍPIOS

DO

MÉTHODO DE JOÃO DE DEUS



JOÃO DE DEUS RAMOS

---

OPÚSCULOS PEDAGÓGICOS

I

# OS ALTOS PRINCÍPIOS

DO

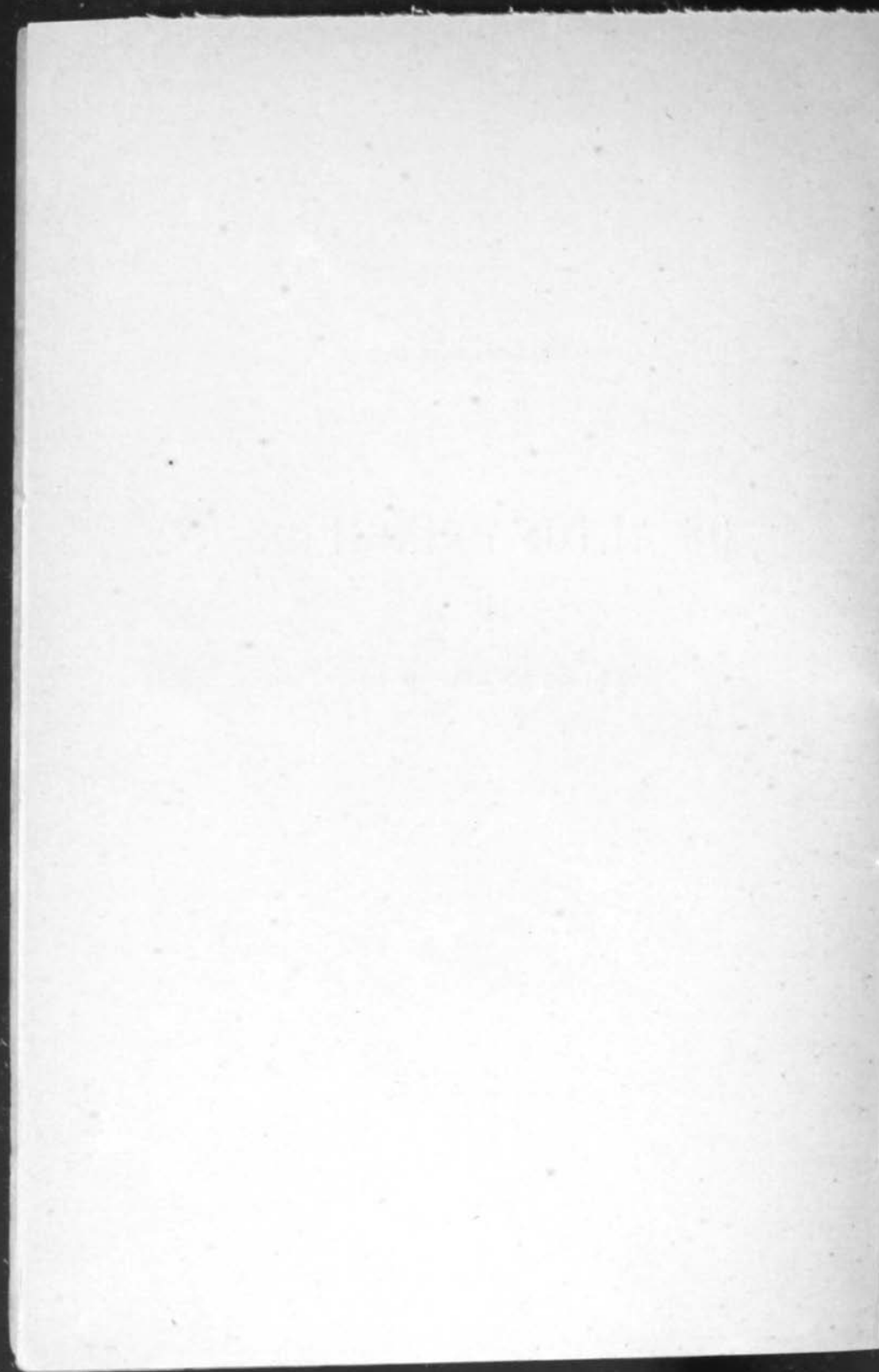
MÉTHODO DE JOÃO DE DEUS

A questão da educação pública é  
(digamo-lo francamente) a questão  
vital de uma nação.

Relatório da Ref. da Inst. primária  
de 16 de agosto de 1870.



COIMBRA  
Imprensa da Universidade  
1902



À MINHA MÃE



## Abreviaturas

C. M. ....	Cartilha Maternal.
C. M. e o Apost.	Cartilha Maternal e o Apostolado.
C. M. e a Crit. . .	Cartilha Maternal e a Crítica.
Cap. ....	capítulo.
Obra cit. ....	Obra citada.
pág. ....	página.

---



## PREÁMBULO

JOÃO DE DEUS, meu Pae, «o primeiro poeta do amor não só de Portugal mas de tóda a Europa no século XIX» (1), chamava aos seus versos modêstamente *versinhos*.

Era, porém, mais franco quando, referindo-se ao «Méthodo de leitura», dizia que o considerava a única obra que havia no género em Portugal, tendo-a como mais perfeita que tódas as que existiam lá fóra.

E porque lhe seria predilecta a *Cartilha Maternal*?

---

(1) MARCO ANTÓNIO CANINI — *Libro dell' Amore* — Introducção, pág. XXXI.

Esta, como o «Campo de Flores», nascera do seu *amor!*

No amor — poeta — contemplando a belleza, tinha a belleza a incital-o a uma *obra misericordiosa* que devia ser pãra aquêlles que viviam longe, mûito longe do bem e do bello!

No amor anteviu o seu espírito vãgamente pãra os reclusos da ignorãncia a terra prometida!

No amor... onde sempre agazalhou o coração das invernias cýnicas do *mundo!*

A sua vida cheia de difficuldades parecia a mûitos a d'um indingente ocioso! E era a d'um trabalhador incansavel! Porque o pensamento é um trabalho... e um «trabalho que nos não dá saude»!

Do seu labor mental sahiram bellas poesias, cujo valor lýrico representa também uma concêpção philosóphica.

Se não foi um poeta-philósopho, foi um poeta com philosophia, porque viu e abraçou a verdade, dizendo-a pura e perfeitamente como a tinha, e como se deve ter, no coração.

O amor é pãra o homem a sua principal

phase educativa. Entendel-o e dizel-o clàramente é prevenir pâra o futuro!

Ora uma das situações do amor é o enlêvo, em que mūito se pretende dizer pelo menór número de palavras e pelas palavras mais humildes.

Na humildade está a grandeza e o enthusiasmo!

Por isso prepositadamente mūitas das poesias de meu Pae estão em versos de poucas sýllabas e sem um único termo desusado.

São simples porque dizem os mais elevados e puros sentimentos pelas expressões que tōdas sentem como absolutamente *naturaes*, e por imagens que *parecem* colhidas pelos olhos de tōdos.

São espontâneas; e tanto quanto pretende ser o coração nos casos de amor em que — quási sempre — mais fallam os olhos que os lábios.

O artista não as produziu espontânea e simplesmente? — Ellas, apezar d'isso, ficaram simples e espontâneas.

Mas, o que tenho dicto não passa d'uma concisa referéncia ao *poeta*.

Eu devo agora, em especial, tratar do «Méthodo

de leitura», que foi a obra mais querida de meu Pae, talvez porque o fez victorioso atravez das máiores privações e insultos.

Sem esboçar a história da «*Cartilha Maternal*», direi que a sua propaganda realisou-se por uma forma verdadeiramente prodigiosa.

Em mûitas partes do paiz cresciam as palmas de glória pâra o auctor, a quem se destinavam também grandes opposições e contrariedades!

Houve desde a publicação uma prolongada e fatigante polémica com uns *falsos apóstolos* do antigo e rotineiro ensino primário; falsos, se não tôdos na sinceridade das suas affirmações, pelo menos nas suas idéias pedagógicas.

— Êste antagonismo foi, porém, menos prejudicial e menos perigoso que um outro lutando anónyma e traiçoeiramente em defeza de interesses mesquinhos, e, pôde dizer-se, anti-sociaes. Era o antagonismo d'alguns influentes *partidários*, — não o da influéncia política, porque eu não posso julgar que os homens que são e merecem ser ministros d'unra nação desfavoreçam uma obra publicamente acclamada, vene-

rada oficialmente, e de incontestavel mérito social!

Não foram os altos políticos, não! — mas os facciosos covardes e egoistas que pela falta de carácter se fazem temer, aquêlles que provocaram e conseguiram alguns factos dos mais incoherentes da política portugueza dos últimos annos!

Apontemos.

O parlamento de 1888 d'accôrdo com a opinião pública, conscienciosa dos óptimos resultados que viu tirar com a «*Cartilha Maternal*», fez nomear meu Pae commissário geral do seu «Méthodo de leitura», sendo na mesma occasião o «Méthodo» declarado *Nacional*.

O grande número de professores que de tôdas as partes do paiz correu a ouvir as explicações oraes, as missões das Escolas Móveis, e as mūtíssimas escolas que adoptaram o único systema de ensinar a ler racionalmente attestavam como tinha sido proveitoso e indispensavel êsse monumental invento do poeta JOÃO DE DEUS!

Mas o logar de commissário geral, que po-

deria ser muito mais útil, foi desprovido de quaesquer outros meios de auxílio para a grande propaganda!

No entanto, o «Méthodo» continuava a ser explicado oralmente pelo seu auctor na própria casa, como desde a publicação.

Em 1895 fez-se a enthusiástica apothèose que todos conhecem e a que o governo adheriu com muitas honras e com muitas palavras. Mas, poucos mezes depois o mesmo governo — sem querer, decerto — condemnava á morte esse heroe, que o tinha sido do paiz inteiro contra excessos de egoismo e malevolências *mundanas!* E condemnava-o á morte porque o «sublime poeta e grande benemérito» teve de ver, — doente como estava —, a sua «*Cartilha Maternal*» posta de parte oficialmente para que se adoptasse um outro livro de ensino de leitura!

Decerto que esta incoherência derivou de forças occultas, de mágicas forças impalpáveis nas suas origens, mas esmagadoras nos seus effeitos perniciosos!

Cumprida assim a vontade d'uns sóffregos influentes partidários, o seu coração — já doente

— peorou, e êste, que fôra sempre forte e enérgico na adversidade, não resistiu mais que um mez ... morreu!...

As suas grandes obras é que não morreram; não podem morrer... porque são a *verdade*; e a verdade, como Êlle dizia, ainda que se possa abafar, não se extingue!

E depois da morte?

O livro que fôra approved, tinha-o sido interinamente. E a commissão de instrucção pública, quando teve de decidir, deixou em liberdade (como sempre devia ser) tôdos os livros de ensino de leitura. Tôdos.

Apenas um ficou excluído, aquêlle que havia merecido uma consagração pública, a «*Cartilha Maternal*»!

Mas a sua exclusão não se fez expressamente.

Vejamos: o «*Méthodo de JOÃO DE DEUS*» compõe-se de duas partes inseparáveis: 1.<sup>a</sup> a «*Cartilha Maternal*»; 2.<sup>a</sup> «*Os Deveres dos Filhos*». Êstes dois livros condizem em tôdos os seus fundamentos pedagógicos e na forma gráphica que os distingue absoluta e insupprivelmente de quaesquer outros. A distincção das síllabas

a cores, invento genial, faz parte inherente do «Méthodo» e é insubstituível.

Quem aprenda pela «*Cartilha Maternal*» ha-de passar pâra «*Os Deveres dos Filhos*», ainda que mais não seja, porque assim o exige — sem remédio — a distincção syllábica.

Ora a commissão de instrucção pública *parecendo deixar em liberdade* o «Méthodo de JOÃO DE DEUS» porque não impunha em especial nenhum livro de ensinar a ler, no emtanto retirava-o do ensino official porque approvando um segundo livro de escola (o de exercicio de leitura) prohibia «*Os Deveres dos Filhos*» e por consequência implicitamente a «*Cartilha Maternal*».

Esta, porém, no ensino particular é geralmente preferida. Por isso, e apesar do facto official, sahiu ha poucos mezes a 15.<sup>a</sup> edição (de vinte mil exemplares), edição por tôdos os motivos importante.

É rara a instituição, das que procuram diminuir o número dos analphabetos, que não adopte os dois livros inseparáveis de JOÃO DE DEUS.



Innúmeros factos tẽem demonstrado a superioridade do «Méthodo» sôbre tódos os livros de ensino de leitura, infundamentados pedagogicamente, ou nascidos d'uma rançosa pedagogia, tão desorientada, como a última reforma de instrucção primária.

Eu venho, pois, em nome da verdade, que é Deus, affirmar os princípios de educação que mais racional e promptamente podem e devem fazer com que desapareça o analfabetismo em Portugal.

São êsses os **Altos princípios do Méthodo de João de Deus**, os quaes tentarei expor em breves palavras com a clareza que me for possível.

---



PRIMEIRO OPÚSCULO



# Os altos princípios do Método de JOÃO DE DEUS

## I

O ENSINO PRIMÁRIO COMPETE ÀS MÃES

## II

O ENSINO DE LEITURA DEVE SER ABSOLUTAMENTE  
LÓGICO, RACIONAL

## III

A LEI FUNDAMENTAL DA VERDADEIRA «ARTE DE LEI-  
TURA» É A ANÁLISE DA FALA APPLICADA À ORTHO-  
GRAPHIA



# I

A *Cartilha Maternal* resolve o mais importante problema político da actualidade.

Não satisfaz, apenas, a algumas necessidades do ensino.

Não é obra d'um modesto estudioso que desfizesse parte das mūitas difficuldades da *Instrucção primária*.

A *Cartilha Maternal* tem o espírito da educação. Prepara a alma do pōvo que se deve instruir educando-se.

Com effeito, não é raro ouvir dizer-se que a instrucção traz consigo perigos e infelicidades pāra os que não podem alcançar os grandes princípios ou idéaes da philosophia. Deve-se, porém, notar que êstes princípios representam

um sentimento commum. Do amor do próximo deriva o princípio da egualdade; do sentimento paternal o princípio da família; e do sentimento que é a necessidade da instrução — quando se não pretenda negar a evolução na sociedade — deriva o princípio da educação.

Êste, poucos o alcançam; mas aquêlle sentimento, aquella necessidade em tôdos existe. O que ha, pois, a fazer, é cuidar do ensino, guial-o convenientemente.

(Falo dos factos como elles se me apresentam, contribuindo assim pâra que se saiba o que elles são).

Na verdade, tôdos estaremos de accôrdo considerando que não basta instruir; é necessário *educar*.

Porque os termos *educar* e *instruir* têm significações differentes.

Educar consiste em aproveitar — dirigindo — as fôrças individuaes nas suas tendências e inclinações tão completa e ordenadamente, que nenhuma d'ellas se perca, ou se prejudique nenhuma.

Instruir consiste em desenvolver essas fôrças — applicando-as —, accrescentando ás impressões adquiridas, novas impressões, conhecimentos novos.



Ora a quem pertencerá esse melindroso trabalho de instruir educando?

Poderá e deverá realizar-se no seio da família, ou competirá especialmente a uma entidade — professor?

Percebe-se que êste possa instruir; o que não pôde, ou difficilmente poderá, é educar.

Só com amor *maternal* se tem o instinto que favorece pâra bem dirigir no crescimento as creanças que — sendo de côrpo e alma *indivíduos* — não devem receber *separadamente* dos paes o pão pâra o côrpo, e de extranhos o pão pâra a alma.

Pâra demonstrar aos olhos de tódos a verdade d'êste primeiro princípio da *Instrucção primária*, têm os factos grandeza bastante.

Ha já mûitos paes que — não possuindo esta idéia clara e determinada — a sentem e procuram seguir quando pretendem educar os seus filhos.

Evitam a escola por consideral-a pâra os menores de quatôrze annos, não pura fonte de bem, mas fonte de mûitos males que nem as *inspecções sanitárias*, nem a chamada disciplina escolar suppre inteiramente.

Disciplina escolar!

A verdadeira disciplina é a educação que dá

a máxima liberdade a tãda a expansãõ infantil, nunca forçando a um silêncio, e a uma quiêtudefe manifestamente contrãria á natureza.

Esta disciplina é tanto mais perfeita quanto mais cuidadõsamente guiar as fõrças, as faculdades da creança na realizaçãõ das suas tendências ou aptidões.

A outra disciplina é falsa; ainda que facilite a açãõ do professor, e não deixe perverter por completo a innocência — prõpria da idade e como tal necessãria e indispensavel; mas é falsa porque ha-de, pelo menos, constranger e, portanto, prejudicar a vida expansiva, a vida que se diz animada ou enthusiãstica, em que as creanças robustecem a saude do cõrpo, inseparavel da saude do espõrito.

Mas, ainda que assim se não reflecta, quem não vê que só apprende quem attende, e que só attende quem se mostra bem dispõsto? — Tõdos e ninguém.

Tõdos procuram n'um dado momento serem attentamente vistos, ou escutados, pãra melhor serem comprehendidos; mas ninguém passado esse momento se importa mais com esse caso psycholõgico da attençãõ.

Isto, porém, interessa muitíssimo tratando-se de educar e de instruir.

Deverá forçar-se uma creança a que attenda um professor grave e solenne, quando êste o requer por lhe aprazar, ou convir? — Nunca.

Forçar é impor; e é uma covardia em que o mais fraco terá de ceder pãra instinctivamente evitar o esmagamento.

E n'êste caso, claro, o mais fraco é a creança. Calcule-se, pois, o prejuizo d'êste rotineiro facto no ensino!

O pouco que tenho dicto bastará pãra provar que é um dever insupprível dos Paes o instruir — educando — os seus filhos; e, portanto, que tôdos que se interessam pela instrucção primária devem cooperar pãra que se realise êsse ideal que já está no espírito de muita gente.

Mas, pãra bem educar, além de ser necessário aproveitar-se a boa disposição de quem aprende (o que só é possível em familia), o carinho maternal é também indispensavel pãra a alma da creança, como é preciso agasalho pãra o corpo.

As intempéries, se não mattam, insensibilizam.

Por isso ha tantos homens, cuja intellèctualidade distincta contrasta com a sua insenti-

mentalidade, com a falta de carácter preenchida pela vaidade que annulla tódo o valor!

E são êstes os mâiôres inimigos do bem estar social, porque não só desprezam o mal dos mais, mas desperdiçam comsigo mûito que conviria a outros, mantendo uma vida viciosa e egoista!

E dizem-se políticos, e homens de letras, e sábios!...

Mas, se o professor não pôde aproveitar a curiosidade ou boa disposição dos seus discipulos, porque êstes são mûitos e porque não tem o instincto que lhes adivinha as difficuldades (instincto que é o amor *maternal*); se o professor é manifestamente insufficiente e extranho pâra inculcar n'uma idéia, que transmite, o sentimento que lhe corresponda, e assim podendo instruir não pôde correlativa e opportunamente educar; se a escola porque força a uma falsa disciplina, — quando não vicia —, impede, pelo menos, mûitíssimo o desenvolvimento phísico da creança...; não saía esta de casa de seus paes antes dos quinze annos, por exemplo; antes que tenha robustecidas tôdas as suas fôrças nas suas tendências próprias e necessárias pâra formar homens bem educados

porque têm carácter, e instruídos porque seguindo as suas aptidões alcançam o mais que podem n'esta vida contingente.

E assim, se é reprovavel, como perigoso e prejudicial, o externato na escola, o internato é absolutamente condemnavel.

Não é, pois, de fraca significação o *título de Cartilha Maternal*.

Não quer êste dizer restrictamente que no primeiro livro de ensino de leitura estão os primeiros conhecimentos d'onde emanam e derivam tôdos os demais. Deve dar-se-lhe o significado lacto de que *compete o ensino primário ás Mães porque, em princípio, nos ensinam a falar, e nos deviam ensinar a ler* (1).

Por estas palavras se exprimiu meu Pae, accrescentando que *«se ainda, n'algumas nações de cem mães uma sabe ler, e de mil uma ensina os seus filhos, hão-de vir outros tempos e outros costumes. A fala é a língua da família: quem se aparta do lar doméstico, deve já saber a língua social»* (2).

Com effeito, quem terá a aptidão, derivada

---

(1) C. M. e o Apost., pág. 4.

(2) Ob. e pág. cit.

do instinto, a boa vontade, a paciência e o tempo, como as Mães, para aproveitarem a disposição, em que estejam seus filhos, de prestar atenção, — por pouca que seja —, a uma pequena lição de leitura? — Ninguém.

## II

Mas, bastará prestar attenção?

Basta; desde que se satisfaça com simplicidade e clareza a curiosidade infantil, relacionando tudo e tudo explicando.

E será preciso relacionar tudo, dar a razão de tudo? — Decerto.

Quem se não terá já visto um tanto embaraçado com uma pergunta d'uma creança?

E tendo respondido, quantas vezes lhe não terá sido exigida a razão da sua resposta?

Ora uma razão, que se dê, é sempre uma relação. Raciocinar é relacionar. E tudo está relacionado. A verdade é una.

De maneira que o que estiver mais simples e mais completamente ligado, é o que mais agrada conhecer; é o mais lógico porque evita complicações; e é o mais preciso porque facilita a sua memória e a sua applicação.

E «a creança é lógica».

«Se as creanças não precisassem da razão das cousas, diz meu Pae, precisávamos nós de lh'a

dar, pãra as desenvolver no raciocínio e as habituar a proceder racionalmente (1).

Na verdade, essa fôrça de assimilação que se admira nos grandes philósofos, — que em Christo se chama divindade —, tẽem-na relativa mas intensivamente tôdas as creanças.

(Porque o idiôta é uma anomalia; e, como tal, está patentemente excluído da questãõ).

Assim, pois, no ensino de leitura o processo a seguir-se nunca deverá ser *mechânico*; e sômente terá méthodo e verdade quando tôdos os seus elementos se relacionarem, e assim constituíram um *systema racional*.

E é isto o que se dá com a *Cartilha Maternal*.

Mas não seria preferível o tal processo mechânico pelo qual se não necessitasse d'uma systemática attenção que as creanças nem sempre podem ter? — Decerto que não.

Isto seria, diz meu Pae, «*levar o ente racional á leitura, mais ou menos, como se leva a phoca a fazer cumprimentos*».

Seria dar-lhe as idéias a trouxe mouxe, obrigando-os a escolhê-las pãra formarem juizos

---

(1) C. M. e a Crít., pág. 31 — fim.



que a máior parte das vezes não alcançariam por si.

Seria um processo prejudicial por incompleto e confuso.

Pois não é melhor ter dispostas as idéias do fácil pâra o difficil, do simples pâra o complexo, dando-lhes opportuna e successivamente as regras, — os juízos —, levando-os até ao raciocínio, isto é, até á consciéncia do que fazem quando lêem? — É claro.

As mães, quando cuidam em dar alimentação a seus filhos, evitam não só a grande quantidade mas a imprópria qualidade dos alimentos que escolhem e preparam pela forma que melhor facilite a digestão.

Pois semelhantemente deve ser a alimentação do espirito.

O facto de que as creanças nem sempre podem prestar a attenção devida, está resolvido, conforme dissémos, entregando á mãe o mister do professor que nem ao menos tem a paciência, nem o tempo preciso.

E assim temos a lógica das cousas mostrando-nos a coheréncia que ha entre um método racional e um ente racional, cujas necessidades de côrpo e d'alma só podem e devem ser satisfeitas no seio da família.

Por isso, ás Mães cumpre despertar a curiosidade infantil pãra a apprendizagem da leitura, que ellas mesmo devem ministrar aproveitando aos poucos os momentos de attenção que as creanças queiram prestar.

E como «a leitura é a confirmação da fala» (1), cumpre também evitar que apprenda a ler quem ainda não sabe clãramente falar.

A graça, que se possa achar a uma creança que vá lendo, ainda mal pronunciando, póde ser um prejuízo por ter sido um esforço prematuro.

É vulgar verem-se creanças infêzadas, n'uma quiëtude doentia e n'uma seriedade precoce, um tanto sentenciosas e por isso antipáthicas. E é de notar que só nos é antipáthico, o que julgamos impróprio.

Attenda-se, pois, á idade, não permittindo que se compliquem êsses dois trabalhos — o de aprender a ler com o de aprender a falar (necessãriamente precedente).

Ora a idade mais conveniente pãra o ensino de leitura, diz meu Pae, é a dos *7 aos 8 annos*. Porque até então, accrescenta, *tòdos andamos*

---

(1) C. M. e o Apost., pág. 10.

---

*n'uma fervorosa elaboração phísica, que só reclama alimento, movimento e somno; assim como andamos n'esse profundo estudo da língua, e n'essa insaciavel investigação do mundo exterior que absorve totalmente a faisca mais brilhante que possa alumiar uma cabeça infantil. (1)*

---

(1) C. M., pág. 75.

## III

Ahi ficam os princípios geraes d'um verdadeiro *méthodo* no ensino de leitura.

Mas qual será o fundamento directo, a base da técnica, do processo pròpriamente dito de ensinar a ler?

Onde se têm de procurar os elementos que se hão-de constituir n'um systema racional?

Se «câda letra representa um facto verbal» (1), isto é, se a leitura é a fala representada na escripta, importa primeiramente fazer-se a *analyse da fala applicada á orthographia*.

Eis de que depende em absoluto uma verdadeira «arte de leitura».

E eis o que nunca se tinha feito em Portugal nem, julgo, que se haja feito em nação alguma antes da *Cartilha Maternal*.

Só assim se poderá regularisar o ensino, facilitando a interpretação das letras, cujas situa-

---

(1) C. M., pág. 16.

ções variadíssimas na escripta fazem divergir a sua leitura ao máiór número.

E só assim se terá um plano certo e fácil, pâra se proceder a uma ordenada distribuição de licções.

De contrário temos a confusão por parte de quem apprende em face dos caracteres que sendo os mesmos nem sempre representam o mesmo.

Por isso não basta conhecer as letras; é preciso differençar-lhes os valores.

E de que maneira?

Estabelecendo regras, decerto.

E como havemos de ter regras certas e precisas?

É claro: comparando a palavra falada com a palavra escripta.

É indispensavel pâra uma leitura intelligente, e portanto pâra um consciencioso ensino de leitura, o examinar-se prèviamente tôdos os elementos da língua que se representam gràphicamente.

Por isso só depois d'uma rigorosa anályse da linguagem falada se podia conceber um systema verdadeiro de ensinar a ler; como só depois de conhecida essa anályse se pôde perceber com plêta mente a *Cartilha Maternal*.

A apregoada difficuldade de comprehensão do *Método de João de Deus* existe e persiste emquanto houver homens *intelligentes* que não entendam estas palavras do poeta: «*ler por syllabas, sem o valor analýtico dos caracteres, é ainda peór que solettrar*». (1)

E, em seguida a essa phrase vem esta outra: «*e esse valor analýtico não era conhecido*».

Com effeito, a anályse da linguagem falada applicada á orthographia commum, ninguém a tinha feito antes da *Cartilha Maternal*, onde ficou dispersa pelas notas relativas ás vinte e cinco licções, em que está dividida por forma absolutamente lógica, gradual e, por isso mesmo, fácil. (2)

E tão fácil na theoria como na prática.

Só assim não pensa quem a não estudou.

A verdade é alta, como as estrêllas; e não a vê quem a não olha attentamente, ou quem não tem olhos pâra ver!

---


(1) C. M., pág. 16.

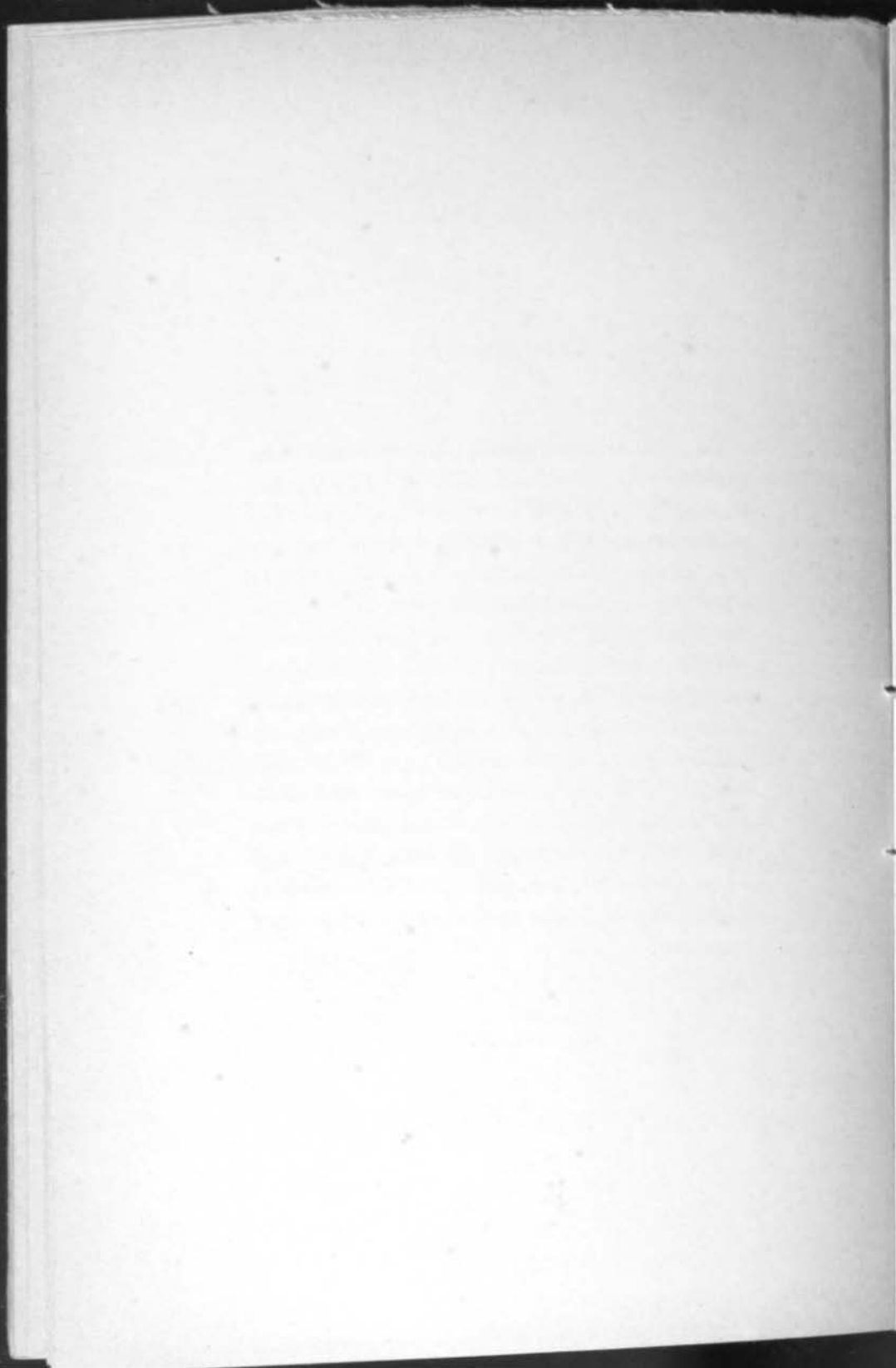
(2) Vid. pág. 117 do *Guia práctico e theórico da Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, cap. IV, Anályse da falla.

---

## CONCLUSÃO

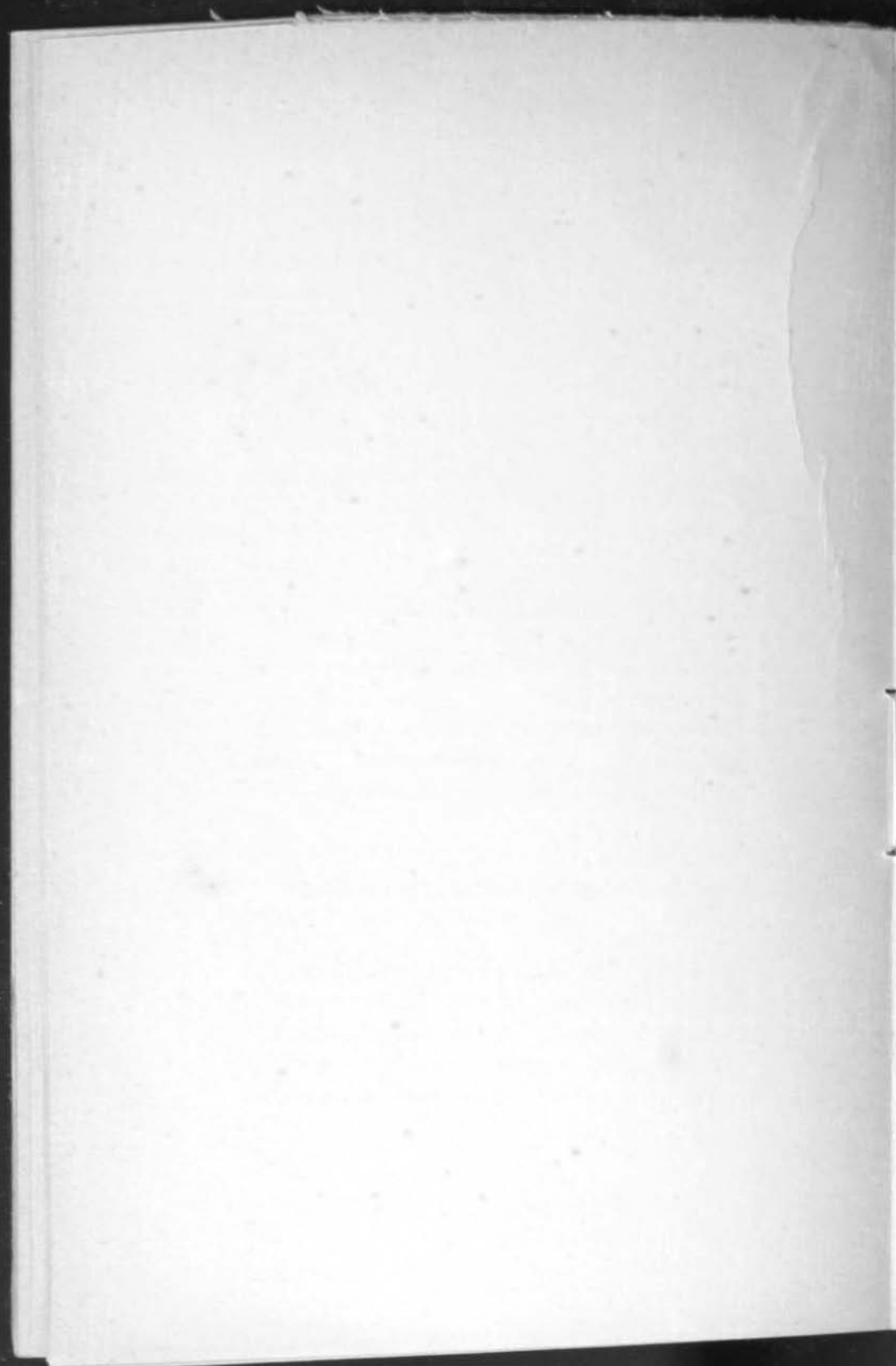
Do que tenho expôsto ligeiramente, deve concluir-se: que a instrucção só é útil quando bem dirigida, dependendo por isso essencialmente da *educação*; que esta exige o *convívio contínuo da família* instinctivamente affectuoso e por isso mesmo melhor intérprete das aptidões dos educandos, dando a liberdade necessária pãra o desenvolvimento phýsico e conjunctamente moral das creanças; que obedecendo a estas idéias altamente philosophicas a *Cartilha Maternal*, — como o revella pelo título — se destina ao *ensino particular*; que êste ensino — o de leitura — pãra ser absolutamente útil e previdente deve ser *racional* e não mechânico; e que a base d'êsse ensino racional é a *anályse da linguagem falada* applicada á orthographia commum.







CONSEQUÊNCIAS



## I

Do accôrdo dos dois primeiros princípios — do ensino primário no seio da família e do princípio da racionalidade— devem-se tirar duas consequências: A) que o ensino elementar deve ser livre; B) a negação da escola primária.

### A) O ensino elementar deve ser livre

Esta primeira consequência é manifesta.

É claro que ministrando-se o ensino primário no seio da família, porque se reconhece que nenhuma entidade existe tão própria e auctorizada para o fazer, implicitamente se dá á fa-

mília o direito de ensinar quando e como entender, escolhendo pãra êsse fim os meios que julgue mais consentãneos.

Ora basta a escôlha d'êsses meios, pãra que haja necessidade da mais completa liberdade no ensino.

Mas, pãra melhor me justificar, preciso de philosophar um pouco.

Paciência, leitor!

A harmonia entre os homens, que é quãsi a felicidade humana, só se alcança por qualquer dois systemas decisivos que conheço: o da inteira *obediência* (seguido pelos jesuitas, exemplãrmente); e o da *liberdade* bem comprehendida e applicada.

Do primeiro systema resulta a passividade de tãodos á opinião d'um; e d'ahi o automatismo, cuja fôrça é immensa.

Do segundo resulta a mãxima actividade e a *autonomia pessoal*, dando logar abertamente a iniciativas de tãodo o gẽnero, sem prejuizo do bem estar social.

Êsses dois systemas, o da *obediência* e o da *liberdade*, correspondem na polĩtica portugueza, o primeiro ao absolutismo providencialista, e o segundo ao que se *plantou* com as revoluções liberaes, mas que não poude germinar saudãvel-

mente nesta areosa ou pedregosa terra de Portugal.

Com effeito, o absolutismo d'outras eras existe ainda hoje, por exemplo, no ensino obrigatório, desde a comparência na escola, até aos livros e processos que o professor tem de adoptar, sôb pena de ser multado n'uma quantia avultada, e em caso de reincidência, longa suspensão, ou expulsão, se me não engano!

O professor não tem convicções! Não as pôde ter!

Ensina como a commissão de instrucção pública exige, e não como elle julga melhor!

Ora a imposição de determinados livros e respectivos processos é o automatismo social!

É a tyrannia d'uma opinião sôbre mûitíssimas.

Pode impedir a criação, ou o desenvolvimento de melhores princípios, sendo assim uma paralyisia no progresso.

Forçar, sôb penas graves, á applicação seja do que fôr e por quanto tempo fôr em matéria d'ensino, é contrariar tôdas as iniciativas de instrucção popular.

É negar ao Deus-pae, ao Deus-creador!

Tôdo o trabalhador do pensamento se estimula em experimentar e espalhar uma desco-

berta que tenha feito. É êste, o seu único empenho! É esta, a sua maior glória!

E, em que princípio se funda a imposição de doutrinas e processos que apenas têm a aprovação da commissão de instrueção pública?

A prática d'esses processos e doutrinas depende da mesma orientação, e d'uma boa vontade que não existirá igualmente n'aquêlles que tenham de applicar, como existe n'aquêlles que ordenam a sua applicação.

A êste respeito diz o auctor da *Cartilha Maternal*: «o magistério é um sacerdócio que prende essencialmente com as disposições internas».

«Ensinar o que se não approva, corresponde a ensinar o que se não sabe».

«N'isto, como em tudo, o melhor é a liberdade». (1)

O ensino obrigatório não é ensino: é uma tyrannía, é uma oppressão.

Porque ensinar não é impôr idéias, mas dispol-as por forma que fâcilmente sejam apprehendidas pelo alumno que prestará, ou não prestará attenção. Esta não se tem quando se quer, mas quando se póde ter. Julgar o con-

---

(1) C. M. e o Apost., pág. 26.

trario, é desconhecer por completo o que ha de mais claro e insinuante na psychologia da attenção.

Na minha vida de estudante mûitas vezes, sem o querer, o mestre diante dos meus olhos não passava d'uma sombra gesticulando, mexendo-se... Eu não ouvia nada; não podia dar attenção, ainda que me esforçasse por isso. Não podia.

A disciplina intellèctual em contrário, isto é, a subordinação forçada da nossa alma a outra, é a negação da liberdade do pensamento e da opinião própria. É a passividade do espirito.

Desapparece o *ser racional e consciente*, fica o papagaio!

Basta, pois, notar-se que se não presta attenção quando se quer, mas quando se pode, pâra condemnar o ensino obrigatório.

Mas talvez alguém contradicte o que tenho exposto, apontando exemplos de nações estrangeiras que adoptem o referido ensino obrigatório.

A isto respondo eu que apenas nos deve preoccupar o carácter do povo portuguez, demasiadamente falho de vontade e de energia.

Assim o portuguez diz-se patriota; mas, se

ocorrer algum facto político que implique com a nossa independência, o portuguez, em parte por ignorância, em parte por falta de iniciativa, fica indifferente. Ou nada diz porque nada sabe; ou, quando saiba alguma cousa, nada faz sem que o mandem.

Está simplesmente habituado a obedecer!

Espera em tudo e pãra tudo a auctoridade d'outrem. Por si não é capaz de se demover, ou de se arrancar á paz do lar.

Mas o mesmo portuguez se for soldado, é vel-o entusiasta defensor da pátria.

Vae desde o sacrificio até ao heroismo!

São estas, umas das consequências do systema absolutista — governando tudo, impondo sempre —, consequências que é preciso evitar por meio do ensino livre bem orientado.

Da instrucção, conforme ella fôr ministrada, depende o carácter e o bem estar da sociedade futura.

É necessário formar homens intelligentes que não sejam falhos de sinceridade, única fonte de generosas, e, como taes, úteis iniciativas.

Os homens d'hoje separam-se entre si porque se não sentem *irmãos!*

Parece que não é a mesma luz do sol, a luz



que está nos olhos de tódos! Nem é o mesmo ceo que os cobre! Nem mesma a terra de que se alimentam!

### B) A negação da escola primária

Leitor: não vos atordoeis com esta asserção. Ha n'ella um ideal que talvez se não possa realizar n'um futuro próximo. Difficilmente se desannuiará o espírito público com o claro entendimento dos dois primeiros princípios que apresentei: «do ensino elementar pela mãe, e do princípio da racionalidade».

Êste último manda que, tudo que se for ensinando, tódas as noções e idéias, que se fôrem expondo, se liguem entre si, num encaedamento, como os degraus d'uma escada.

Assim, nós dando a razão das cousas, damos a *relação* das cousas, a sua intèrdependência. Porque raciocinar, como já disse, é relacionar.

De maneira que o verdadeiro método no ensino consistirá em ligar gradualmente a que for indispensavel pâra alcançar directamente o conhecimento pleno de quaesquer idéias. E

nada de nos affastarmos do caminho direito que devemos percerrer com passo igual e firme.

Mas a escola poderá satisfazer a tódos os minuciosos requisitos do princípio da racionalidade, debaixo do ponto de vista intellèctual, ou moral?

Não póde.

A escola é uma corporação de indivíduos que aproveitam o ensino em commum. Formam-se classes, mais por commodidade do professor do que por necessidade dos discípulos.

Ora nada mais inconciliavel com o princípio da racionalidade, pelo qual «tudo se explica e se justifica» e que exige a «observação de tódos os signaes de dúbida, interrogando e insistindo até á certeza de se ser comprehendido» (1), do que ensino em commum, o ensino simultâneo.

Muitos alumnos ao mesmo tempo a prestar a *devida attenção*, difficilmente se conseguirá.

Castilho julgou resolver êste problema por meio do canto coral. Tódos aprenderiam ao mesmo tempo, porque tódos diziam e repetiam o mesmo.

A êste respeito, e especialmente sôbre o ensino de leitura, dizia o auctor da *Cartilha Ma-*

---

(1) C. M. e o Apost., pág. 6.

*ternal: «n'uma leitura em côro desaparece a responsabilidade individual, e mûitos seguirão a toáda inconscientemente».* (1)

Mas além da *atensão*, que é indispensavel que os alumnos prestem, nem tôdos podem ter a mesma facilidade de percêpção. Uns hão-de ser mais intelligentes que outros, decerto.

E o mestre, que não tem a paciência, nem o tempo preciso pâra os ouvir *convenientemente* a um por um, passará de lição, fallará em cousas novas que se ligam a outras já dadas, e que nem tôdos os alumnos apprehenderam.

D'isto resulta o decorar ou martellar idéias, pâra satisfazer ás exigências das lições; e d'ahi a antipathia pelo estudo.

Ainda que sejam mûitas as vezes que o professor exponha e explique a sua doutrina, serão insufficientes emquanto tôdos os discípulos não tiverem, câda um de per si, prestado a *atensão* relativamente precisa.

As creanças especialmente, com o seu espirito irrequieto, aliás natural e necessário, são incompatíveis com o ensino simultâneo.

---

(1) Carta a H. das Neves, de 25 de março de 1879—*Novidades*.

A lógica, a continuidade das idéias, só poderá realizar-se completamente no ensino singular. Mesmo com dois alumnos já será difficil.

É claro, pois, o prejuizo intellèctual da escola.

Mas continuemos.

Tòdos os pedagògos, pelo menos aquêlles que eu conheço, têm procurado desfazer as múltiplas difficuldades do ensino primário sôb o ponto de vista intellèctual e moral, engendrando institutos ou casas de educação *sui generis*.

Mas Pestalozzi, por exemplo, «malgré ses bonnes intentions, il retombait lui aussi dans la routine et l'enseignement machinal». (1)

E porquê?

Porque eram absolutamente inconciliáveis os seus princípios da *intuição* e da *gradação* com o ensino simultâneo.

A psychologia do alumno, não basta que esteja geralmente prevista, porque em cãda alumno ha particularidades que os olhos attentos do professor devem ver constantemente, pãra que o ensino siga a sua marcha conveniente.

Que se diria d'um médico que n'uma enfer-

---

(1) Gabriel Compayré — *Pestalozzi et l'Éducation Élémentaire*, pág. 66.

maria, onde houvesse doentes com males semelhantes, os visse a tódos ao mesmo tempo, dando o mesmo consêlho e receitando o mesmo pâra tódos?

Que só o acaso e a natureza dos doentes os salvaria.

Assim também nas escolas os mais tenazes de espírito resistem. Mas, como ficam?

Antipathisando com o estudo e com os livros.

O auctor dos *Jardins da infância*, Fræbel foi mais esclarecido.

Assim, considerava a escola insufficiente, se a família não influísse n'ella, incumbindo-se de desenvolver as faculdades da creança.

Mas tudo isto é demasiadamente theórico, por falta d'un systema prático do ensino de leitura e escripta.

E como não podia haver systema de leitura verdadeiro e fácil, sem que se fizesse primeiro o estudo prévio da «anályse da linguagem falada applicada á orthographia», por isso tantas opiniões sôbre o assumpto levantadas... no ar.

Essa análýse nunca se tinha feito profundamente antes da *Cartilha Maternal*.

«Abri o Diccionário Larousse, ou algum mais moderno, se o tendes, e lá vereis por exemplo:

Vogal — letra que tem um som por si mesma».

«Abri qualquer livro técnico e lá vereis falar-se de vogal como da voz, e da voz como da vogal».

«Ora os nossos discípulos de seis annos não entendem isso, e falam com mais propriedade e mais verdade que os pedagogistas e philólogos. Para elles a vogal não tem som nem tom; mas admittido que a vogal tem som por si mesma, *par elle même*, também o *f* tem som por si mesmo e é vogal». (1)

Com esta pode dizer-se que está conforme a doutrina de todos os pedagogistas nacionaes e estrangeiros antes da publicação da *Cartilha Maternal*.

Nem podia deixar de ser, visto que nenhum d'elles fez uma rigorosa análise da linguagem falada applicada á orthographia commun.

Portanto todas as respectivas theorias haviam de falhar na prática.

Nós os portuguezes com a *Arte de Leitura* e com a *Arte de Escripta e Contas* de JOÃO DE DEUS, nós é que podemos ser os primeiros a dar o exemplo do ensino elementar no seio da familia.

---

(1) C. M. e o apost., pág. 187.

N'êste intuito escreveu o auctor da *Cartilha Maternal*: «*hoje que em menos tempo e com muito menos enjôo, do que antigamente, se ensina a ler verdadeiramente, ficando o discipulo sabendo a theoria da arte, o que é muito differente de chegar a ler como um autómato e sem consciência de nada; hoje não ha razão pâra que um filho saia de casa de seus paes sem êsse complemento da fala, sem essa arte que é uma verdadeira necessidade humana*». (1)

Debaixo do ponto de vista moral ninguém pode duvidar de quanto é pernicioso o ensino nas escolas. As creanças demorando-se longas horas n'um contacto íntimo, sem que possam, sequer, espraïar a vista por horizontes largos, transmittem entre si tôdos os pequeninos defeitos que tenham. Os mais velhos prejudicam os mais novos, roubando-lhes — quâsi sempre — a innocência própria e necessária á idade. É manifiêsta a falta de vigilância da familia.

O professor, por mais cuidadoso que seja, não a pode supprir.

---

(1) Ob. cit., pág. 15.

Concluimos, pois, sem mais delongas, que é anti-natural o ensino na escola, cuja disciplina não evita inteiramente a desmoralisação das creanças, prejudicando-as no seu desenvolvimento phísico, porque as obriga a um silêncio e a um socêgo demasiadamente demorado.

N'um opúsculo, que publicarei em seguida a êste, provarei como é relativamente fácil modificar as leis vigentes sôbre a instrucção primária, d'accôrdo com a economia do paiz, e proporcionando a realisação do utilíssimo princípio — *do ensino elementar no seio da familia.*

---



## II

Do terceiro princípio que apresentei — a análise da linguagem fallada applicada á orthographia commum — devem-se tirar duas consequências: A) a condemnação de tôdos os processos de ensinar a ler «fundados na simples memória do alumno», ou em artificios que apenas «servem de deslocar a questão»; B) a determinação das leis da prosódia portugueza, como base verdadeira — e estudo prévio — da orthographia.

- A) A condemnação de tôdos os processos de ensinar a ler «fundados na simples memória do alumno».

Antes d'uma rigorosa análise da falla applicada á orthographia, a leitura — e a respectiva aprendizagem — fazia-se mechânica e inconscientemente.

Não havia a interpretação, a intelligência das letras ou signaes gráphicos.

Havia sòmente a memória d'esses signaes.

A palavra escripta — nos seus elementos constitutivos —, se não era um mystério insondavel, estava, pelo menos, insondado. Ninguém indagava se correspondia determinadamente á palavra falada.

Mas feita a análise da língua, necessária para se ler intelligentemente, e indispensavel para um verdadeiro Método de leitura, além de se poder determinar a prosódia portugueza, ficavam claramente condemnados tôdos os processos de ensinar a ler, que se não fundassem na correspondência que ha entre a escripta e a falla.

Assim, da solettração e da syllabação não se aproveitava cousa alguma de methodico, racional.

*«A solettração vai chamando as letras pelos seus nomes, para apresentar depois, não a sòmma d'esses nomes, mas a sòmma dos valores d'essas letras».* (1)

É um processo fundamentalmente falso; e

---

(1) C. M., pág. 36.

tanto que — n'um grande número de casos — nem sequer os nomes das letras contêm em si, os valores necessários. Mas esta é a solettração antiga.

*«A solettração moderna com presumpções de proceder pelos valores não é menos falsa, embora menos escandalosa. Como se solettra xá modernamente? Xe á xá. Mas isto é falso, é evidentemente falso, é absurdo; a intelligência do alumno sente-se necessariamente violentada por essa imposição do mestre. Evidentemente xeá não é xá; tão evidentemente como que ha não é cá».* (1)

Sôbre a solettração não é preciso instar mais pãra convencer o leitor da inépcia do processo.

O outro, o de syllabação ainda é peór. Ésse não parte da letra pãra a sýllaba. Manda dizer logo a sýllaba d'uma vez — sem mais proémios —, *«pela razão de que tãda a sýllaba é um elemento verbal, por mais complexa: á, ái, áis, láis, pláis, tudo isso é igualmente um factio simples e indivisível, um elemento».* (2)

Também bastam estas poucas palavras pãra demonstrar a estupidez de tal processo.

---

(1) Ob. e pág. cit.

(2) Idem.

Mas para a solução do ensino de leitura procuraram vários auctores outros meios mechânicos e engenhosos, não se preocupando em nada com a interpretação exacta dos caracteres.

*«Um ensinava a ler escrevendo na areia...».*

*«Outro ensinava a ler com as letras sôltas em quadradinhos de madeira ou marfim, brincando... ou, á americana, com as letras em cartões de loto, jogando...».*

*«Outro não contente de ver o discípulo brincar e divertir-se, queria também que se divertisse o mestre cantando ao desafio com os meninos, e contando casos ratões das letras, que as havia de tôdas as classes sociaes desde o forneiro encatarrhoádo até ao general turco...» (1), etc., etc., etc.*

Ultimamente, — ainda não ha um anno —, appareceu um livro intitulado *A B C do Povo* por TRINDADE COELHO. Cheio de bonecos e falho de originalidade, está inteiramente subordinado ao principio de que «apprender a ler é uma *função mechânica*». (2)

Aproveita do Méthodo de JOÃO DE DEUS a

(1) C. M. e o Apost., pág. XVI.

(2) *A B C do Povo*, nota, pág. 7.

distincção das syllabas a cores, que o SR. TRINDADE COELHO mascarou com um *dominó* castanho e verde. Quiz intrigar o público julgando que assim ninguém conheceria a grande invenção do Auctor da *Cartilha Maternal*.

Não tem método nem systema, como tódos os antigos livros de leitura de que é imagem e semelhança. É um processo mechânico que vale os 50 réis que o livro custa por trazer desenhos de RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

A seu tempo, farei a crítica d'esse livro que envergonha o nome de TRINDADE COELHO. Fala-hei de mistura com a que pretendo fazer a tódos os livros de ensinar a ler que uns *anónimos* publicaram depois da morte de JOÃO DE DEUS.

Mas voltemos ao assumpto.

Estava fallando do processo mechânico.

A elle se refere o Auctor da *Cartilha Maternal* nos seguintes termos: « *Quem pode admittir mecanismos em leitura? Pois nós estamos a ensinar papagaios, ou estamos a ensinar creaturas racionais? Pois um ente qualquer que sabe que a é a, e o é o, não pode também saber que o a no fim (da palavra) vale â? Se não é capaz de saber isso, demol-o por incapaz de chegar a saber ler em toda a sua vida, e poupe-*

*mos-lhe o tormento d'um estudo absolutamente inútil.* (1)

*«Tôda a leitura sem a interpretação individual e exacta dos caracteres é uma mystificação prejudicial, seja qual for o resultado prático, porque é levar o ente racional á leitura, mais ou menos, como se leva a phoca a fazer cumprimentos. É depravar o ensino e depravar as intelligências».*

*«O valor das letras é, pois, essencial saber-se».* (2)

Ora êsse valor, como já tenho dicto, só se podia determinar depois de feita uma rigorosa análise da falla applicada á orthographia.

Mas, além da solettração, da syllabação e da leitura mechânica, appareceu um processo com presumpções de método — o legògráfico.

*«Por este ensinava-se a ler e a escrever ao mesmo tempo... porque nada mais fácil que duas cousas difficeis juntas...».* (3)

Eis alguns argumentos d'êsse pseudò métho-

---

(1) C. M. e a Crit., pág. 13, fim.

(2) Ob. cit., pág. 96.

(3) C. M. e o Apost., pág. XVII (introducção).

do: «é obvio o absurdo da escripta posterior á leitura — lê-se o que está escripto — ha-de seguir-se a ordem da natureza — devemos adoptar o ensino da leitura pela escripta». (1)

O que é obvio é que ler e escrever são duas cousas diversas. A sua apprendizagem não pode ser a mesma, nem fazer-se ao mesmo tempo.

*«N'esse parallelismo a razão ha-de ser sacrificada alternativamente.»* (2)

Tôdas, ou quási tôdas as regras, que derivam da anályse da língua e que racionalisam a leitura, perdiam-se, inutilisavam-se, confundiam-se com os meios que se empregassem pãra ensinar a escrever.

Hoje — depois da anályse da falla applicada á orthographia —, só pode haver um método de leitura verdadeiro: aquêlle que ensine a ler interpretando exàctamente as letras, cujos valores variam, n'um grande número de casos, conforme ellas variam de situação na escripta.

---

(1) C. M. e a Crit., pág. 334.

(2) Prosas, pág. 293.

B) A determinação das leis da prosódia portuguesa, como base verdadeira — e estudo prévio — da orthographia.

A orthographia depende fundamentalmente da maneira como as palavras são pronunciadas.

Sendo differente a pronúncia, differentes letras ou signaes serão applicados grâphicamente.

Da divergência da falla resulta a divergência da escripta.

Esta desharmonia, sendo geral, contraria o princípio primordial do estudo e determinação da orthographia — a unidade da língua.

Pelo contrário, o accôrdo ir-se-ha estabelecendo, e tudo se esclarecerá pelo que respeita a orthographia, se examinarmos a correspondência que ha entre a falla e a escripta usual pãra *«determinar as regras que a língua admilte, applicando ás excêpções, creando, se necessário for, os signaes convenientes, porque assim a nossa orthographia, ainda sôb a influéncia do princípio etymológico, torna-se digna da língua de Camões»*. (1)

(1) C. M., pág. 52, fim.



---


Ora a determinação d'essas regras ou leis é a determinação da prosódia portugueza. (1)

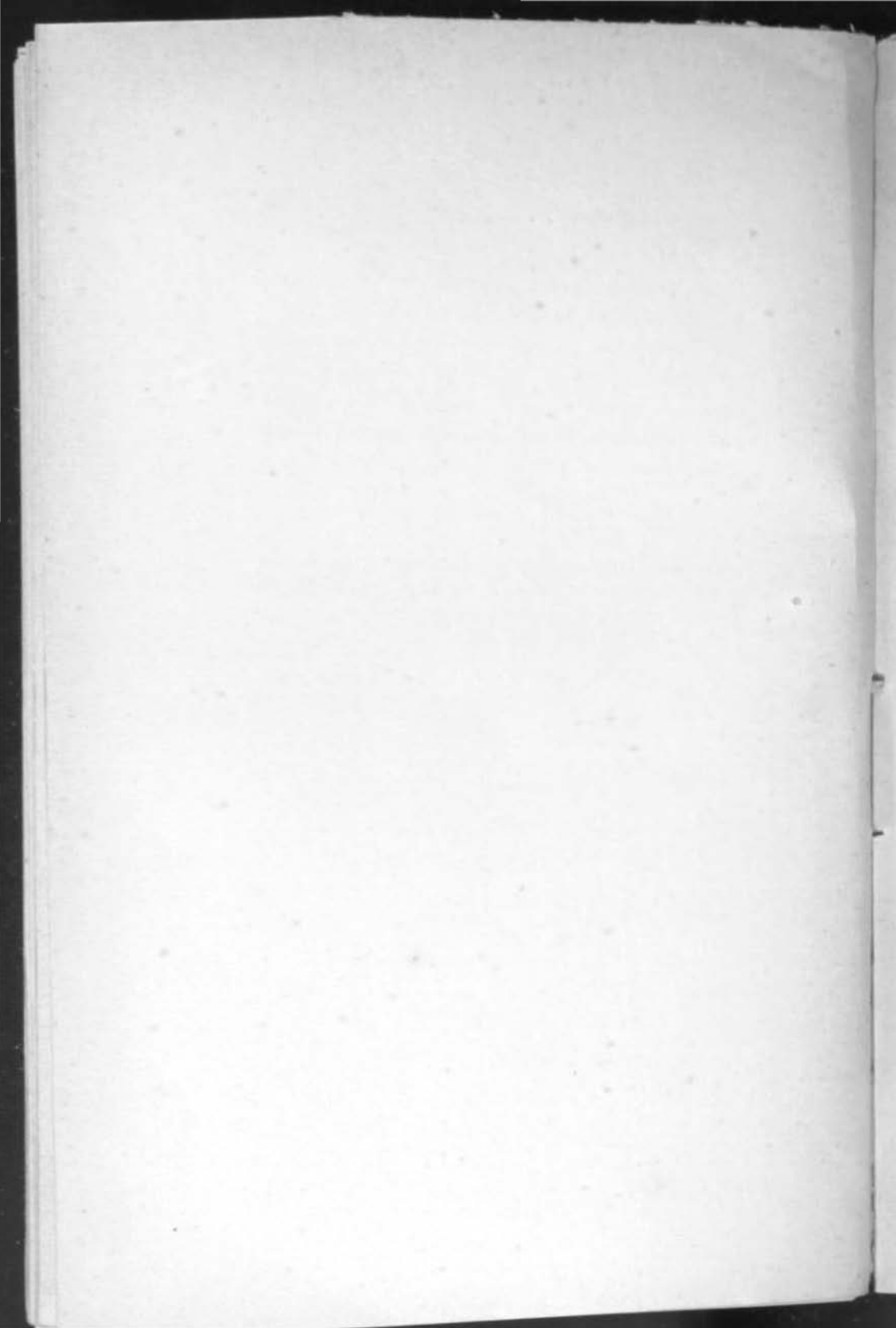
*«Da falta de consignaçoão d'estas leis resulta na orthographia de mûitos a falta de signaes convenientes, ou indispensáveis, e na orthographia d'alguns uma infinidade de signaes absolutamente inúteis».* (2)

---

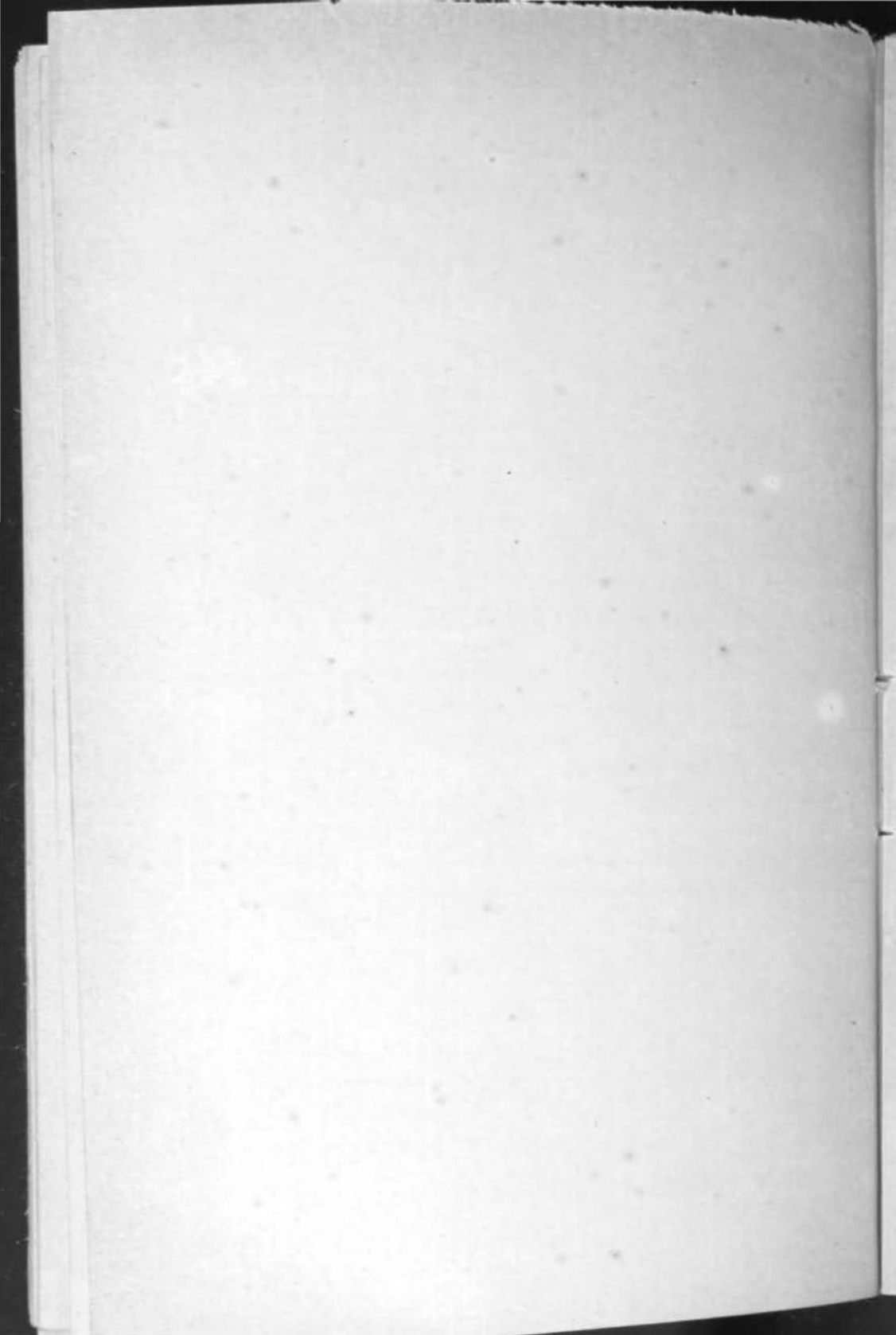
(1) Brèvemente sahirá a 2.<sup>a</sup> ed. das «Leis da Prosódia Portugueza» colhidas da Arte de Leitura de JOÃO DE DEUS por um dos seus discipulos.

(2) C. M. e a Crit., pág. 263.





APPÉNDICE



A *Associação dos Jornalistas de Lisboa* pãra honra da Imprensa Portugueza publicou ha pouco por intermédio dos seus collegas jornalistas uma circular e um questionário sôbre a instrucção do paiz.

É mais um apostolado valiosissimo que pretende acabar com o analphabetismo em Portugal.

Não me cumpre louvar a iniciativa. Basta associar-me do coração.

Condiz com o assumpto do questionário o assumpto d'êste oppúsculo.

Por isso — como appêndice ao meu modêsto trabalho — deliberei responder a câda uma das perguntas clãramente formuladas no referido questionário.

A primeira pergunta — *se o ensino elementar deve ser livre ou obrigatório* — constitue a ques-

tão fundamental, de cuja solução dependem tôdas as leis sôbre o ensino primário, e cuja opinião minha, deixo exposta com a possível nitidez na pagina 25 e seguintes d'êste livrinho.

É a primeira consequência que tirei de dois princípios do Método de JOÃO DE DEUS — do ensino primário no seio da família, e do princípio da racionalidade.

Ficam em manifesto desaccôrdo com a doutrina apontada as perguntas II e III sôbre o ensino obrigatório. (1)

Ás perguntas IV, V, VII, IX e X respondo afirmativamente, na idéia de que tem sido e sempre ha-de ser (ainda que se imponha o systema da *obediência*) a necessidade e o estímulo que hão de crear e desenvolver as mais úteis iniciativas.

Á VI faço uma humilde observação. A prohibição do casamento a tôdo o indivíduo que não soubesse ler nem escrever, — ou só ás mulheres —, além de discordar com o princípio fun-

---

(1) A propósito da III, vid. pag. 16, fim.

damental da liberdade do ensino, podia trazer consequências nefastas ás conveniências sociaes d'uma apparente, senão real, moralidade.

A mancebia tornar-se-hia desculpavel por mûitos motivos. Entre outros, por incapacidade dos systemas adoptados no ensino de leitura e escripta (— a imposição d'algum systema reconhecidamente bom, seria contrário ao prinêipio da liberdade e por isso mesmo contraproducente —); por insufficiêcia dos professores, ou respêctivas habilitações; por uma relutância inexplicavel, mas nata em alguns indivíduos, que bem se podem considerar resíduos dos tempos bárbaros; por desleixo, que de tódo em tódo se não poderia evitar, etc., etc., etc.

O facto de Carlos XI na Suécia ter aproveitado proficuamente êsse estímulo do casamento não provará mûito em Portugal. Os climas e os caracteres divergem.

Direi ainda que o pôvo portuguez é mûito cathólico, e que a Igreja não poderia escusarse a casar fosse quem fosse, por um motivo que não está dentro das suas leis peremptórias.

No emtanto, isto não passa d'uma simples observação, de que fica suspensa a minha resposta.

À pergunta VIII — de que disciplinas deve constar a instrução elementar? — respondo que de leitura, escripta e contas.

Só isto constitue o ensino elementar; tudo o mais é complementar e secundário.

*«Não é essencial que os filhos do povo falem como académicos; o essencial é fazel-os quebrar o circulo da animalidade, dando-lhes, por meio da leitura e da escripta, o horizonte infinito do homem».* (1)

A última reforma de instrução primária falla, por exemplo, em preceitos de moral.

Ora de que serve a uma creança decorar preceitos de moral?

Decorar ... porque os não pode perceber, decerto.

A moral não se decora: aprende-a quem a sente no convívio santo da família.

Acabo, pois, sem mais commentários. Verdadeiramente elementar é a leitura, a escripta e as contas. Quem souber isto, está habilitado a aprender seja o que for, conforme as suas instantes necessidades, e conforme as aptidões que tiver.

Basta que se proporcionem os meios.

---

(1) C. M., pág. 41.



Á pergunta XI respondo affirmativamente.

Deus é a verdade. Amar a Deus sôbre tôdas as cousas, deve ser, pois, amar a verdade sôbre tudo; e amal-a é conhecel-a applicando-a e ensinando-a.

Por isso é um dos preceitos fundamentaes da religião Christã «ensinar os ignorantes». De ha mûito que esta seria uma das principaes obrigações dos padres, e especialmente dos párochos, se êlles estivessem bem compenetrados da *verdadeira* doutrina, e de que não é só preciso propagar a fé.


A fé é necessária porque é um degrau da sciência.

Espalhar a fé é útil, porque é preparar o entendimento pâra a aquisição dos conhecimentos perfeitos.

Mas a fé alumia como a luz das estréllas!

E a sciência como a luz do sol!

Á pergunta XII respondo também affirmativamente.



## ERRATAS

Página	Linha	Erro	Emenda
9	5	aprazar	aprazer
11	13	lacto	lato
31	antepenúltima	a que for	o que for
32	2	percerrer	percorrer

## Índice

	<i>Pag.</i>
PREÂMBULO — O «Campo de Flores» e a «Cartilha Maternal» .....	VII
O Método de Leitura — a propaganda e os antagonistas .....	X
O Método, e os partidários políticos — factos .....	X
Causa próxima da morte de JOÃO DE DEUS .....	XII
O Método depois da morte — no ensino official .....	XIII

### OS ALTOS PRINCÍPIOS DO MÉTHODO DE JOÃO DE DEUS

I — O ensino primário compete ás Mães — A Cartilha Maternal tem o espírito de educação .....	5
Os termos <i>educar</i> e <i>instruir</i> — definições .....	6

	<i>Pag.</i>
A quem pertence o melindroso trabalho de <i>instruir educando</i> .....	7
Significação do <i>título de Cartilha Ma- ternal</i> .....	11
II — A racionalidade no ensino de leitura — A creança é lógica .....	13
Idade conveniente pãra o ensino de lei- tura.....	16
III — A análise da falla applicada á orthogra- phia — Base da verdadeira Arte de lei- tura.....	18
CONCLUSÃO.....	21

## CONSEQUÊNCIAS

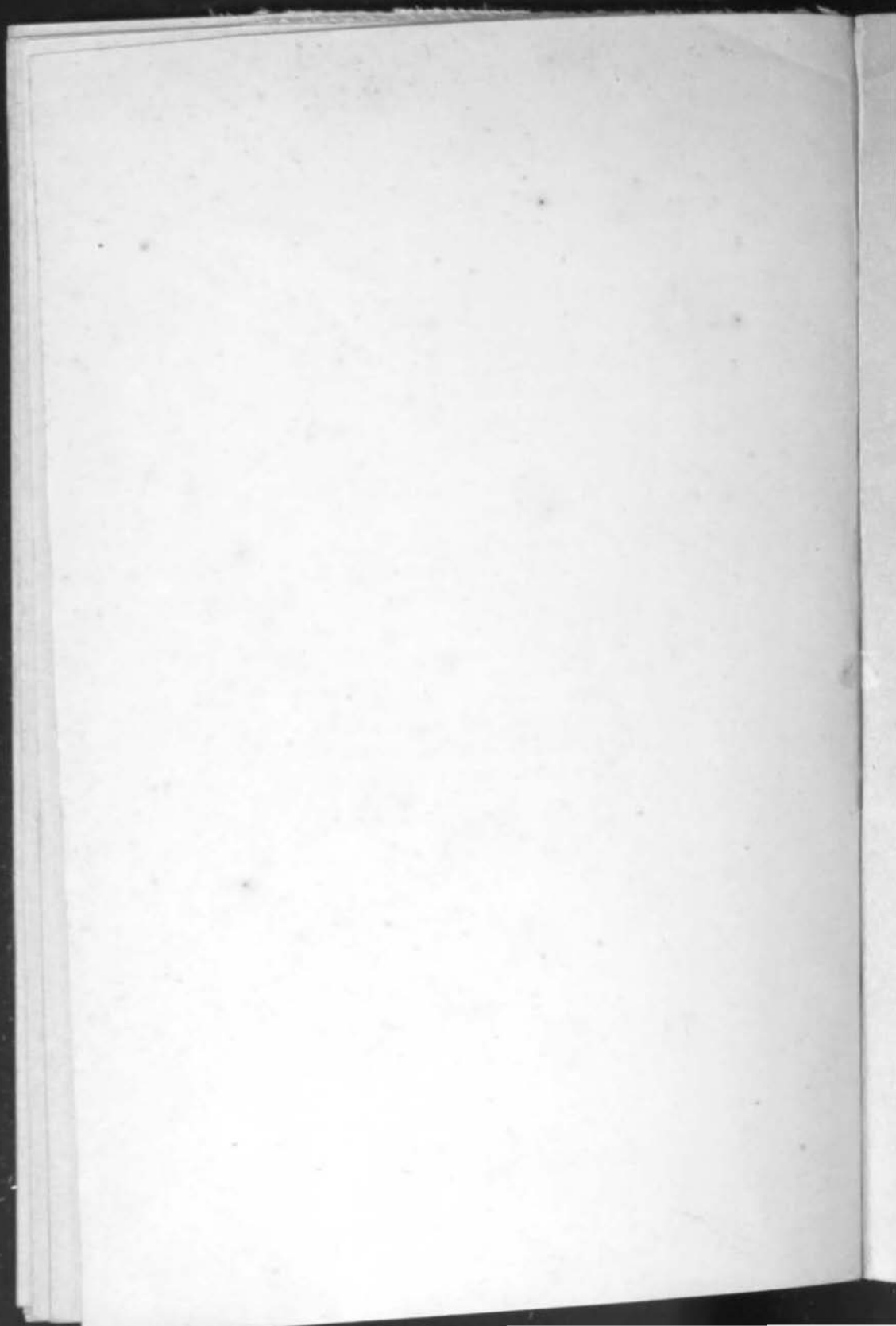
### Dos dois primeiros principios

I — A) O ensino elementar deve ser livre . . .	25
— Systema da <i>obediência</i> , e o da <i>liber- dade</i> .....	26
Opinião expressa do Auctor da Carti- lha Maternal.....	28
O ensino obrigatório, e a necessidade da attenção.....	"
B) A negação da escola primária.....	31
A escola e o principio da racionalidade, ou a escola sôb o ponto de vista intellèctual.....	32

	<i>Pag.</i>
As theorias pedagógicas, e a necessidade d'um verdadeiro e prático systema de leitura.....	34
Opinião expressa do Auctor da Cartilha Maternal .....	37
A escola sôb o ponto de vista moral . . .	»

## Do terceiro principio

II — A) A condemnação de tôdos os processos de ensinar a ler «fundados na simples memória do alumno» .....	39
A solettração . . . . .	40
A syllabação .....	41
A leitura mechânica.....	42
O pseudò méthodo legôgraphico.....	44
B) A determinação das leis da prosódia portugueza, como base verdadeira — e estudo prévio — da orthographia.....	46
APPÉNDICE .....	51





## À VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

### Obras de João de Deus

Campo de Flores—Poesias, 3. <sup>a</sup> edição.....	700
Prosas—1 vol. de 726 pag. (Depósito—Livraria Bertrand)	800
<b>Método de Leitura</b>	
Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, 15. <sup>a</sup> edição—cart. 300 réis, broch.....	200
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos, 14. <sup>a</sup> edição, granduda—cart. 400 réis, broch.....	300
Album ou livro contendo as lições da «Cartilha Maternal» em ponto grande.....	98000
Quadros parietaes ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.....	98000
Arte de escripta—Nove cadernos.....	70
Guia pratico e theórico da Cartilha Maternal— <i>Guia práctico</i> :—extrahido das notas da «Cartilha Maternal»; das Cartas a H. das Neves, publicadas nas <i>Novidades</i> em 1879; completado pela tradição.— <i>Guia theórico</i> :—assimilação de textos dispersos pelas notas da «Cartilha Maternal»; pela C. M. e o Apostolado; C. M. e a Critica; e Prosas—1 vol. de 170 pag. coordenado por João de Deus Ramos.....	160

### Depósito geral

*Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA*

### Pedagogia

A Cartilha Maternal e o Apostolado (polémica).....	500
A Cartilha Maternal e a Critica (polémica).....	500

Depósito—*Livraria Bertrand*